

Colorismos

Colorisms

Colorismos

Beatrice Rossotti¹

Janaína Ferreira dos Santos da Silva²

Olívia Tereza Pinheiro de Siqueira³

“Por que compreender o colorismo é algo tão importante em meio a tantas outras questões candentes da nossa sociedade?”

Alessandra Devulsky, 2021, p. 179.

O vocábulo *colorismo* tem feito parte das discussões sobre as relações raciais na contemporaneidade brasileira. Em uma definição rápida, poderíamos compreender a diferenciação entre os/as sujeitos/sujeitas negros/negras dos traços fenóticos de descendências africanas, o que pode, ou não, validar suas identidades enquanto tais. Se, por um lado, esta operação mobiliza os diferentes corpos marcados pelo signo racial, tecendo relações, impulsionando às identificações e promovendo a construção de um coletivo; por outro, gera o extremo oposto. A dualidade reside no poder de separar quem é e quem não é negro/negra, ao mesmo tempo em que gera territórios intermediários nas novas discussões identitárias, principalmente se tratando do Brasil. E é sobre isso que o livro resenhado aqui se propõe a problematizar.

Afinal, o que significa ser negro/negra? Ao tecermos uma comparação estética com a idealização desta categoria, elaboramos uma homogeneização. Quando pensamos nos fluxos

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF e mestra pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Trabalha com temáticas relacionadas à gênero, moda, escravidão e fotografia. Email: rossottibeatrice@gmail.com Instagram: @modacontahistoria.

² Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF e mestra pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Trabalha com sobre História Política, Políticas Indigenistas e Relações de Gênero, e tem dois livros publicados "Diacuí, a Cinderela Nacional (1943-1960)" e "Diacuízinha: a Mestiça Esquecida (1952-1960)". Email: nainafferreira@hotmail.com. Instagram: @janainasilvahist.

³ Mestra em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Trabalha com temáticas relacionadas à gênero, prostituição, sexualidade e não-monogamia. Email: olviaterezapinheiro@gmail.com. Instagram: @olivia_sempopeye.

imigratórios forçados dos povos africanos para o continente americano, é fundamental que tenhamos como ponto de partida a diversidade de comunidades que vieram para o outro lado do oceano atlântico. Com base nisso, por que os elementos que marcam as populações negras hoje seriam iguais, se podemos ter vindo de diferentes grupos da África formado novas identidades aqui também? A partir disso, Alessandra Devulsky estruturou sua problemática central de *Colorimos*, publicado em 2019.

Começamos sabendo um pouco mais sobre a trajetória profissional-intelectual da autora, Alessandra Devulsky da Silva Tisescu. A matogrossense é graduada em Direito e especialista em Direito Ambiental e Desenvolvimento sustentável pela Universidade de Cuiabá (UNIC), Mestra em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutora em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). Hoje, a brasileira atua no Canadá como professora na Universidade do Quebec, é diretora jurídica do Instituto Luiz Gama e diretora-geral da *Corporation développement communautaire de Côtes-des-Neiges*, em Montréal.

A obra faz parte da coleção Feminismos Plurais, organizado pela filósofa e ativista brasileira Djamila Ribeiro. Neste mesmo guarda-chuva, podemos citar as obras *Racismo Estrutural*, de Silvio Luiz de Almeida (2019), *Empoderamento*, de Joyce Berth (2019), e *Lugar de Fala*, da própria Djamila Ribeiro (2019), lançadas anteriormente, com um preço popular e com o objetivo de apresentar discussões sobre conceitos latentes nas discussões sobre as relações étnico-raciais. Anos antes do lançamento de *Colorismos*, quando a organizadora da coleção concedeu uma entrevista para o programa Roda-viva sobre os livros que vinham sendo desenvolvidos, apontou para a importância de um trabalho sobre a temática da hierarquização entre as pessoas negras a partir de suas cores e traços físicos, pontuando que este caminho considerava a experiência da negritude enquanto universal, o que considerava uma falácia.

Com uma linguagem fluída e um material pequeno, mas que traz um estudo muito bem desenvolvido, Alessandra Devulsky construiu sua tese com base na análise de que o colorismo é um dispositivo armado por um sistema racista que orienta para uma evacuação identitária como uma forma de fragilização dos/das sujeitos/sujeitas negros/negras. Isso pois, em uma sociedade em que os estigmas socioculturais em que o racismo está diluído, o conceito político de colorimos, como uma forma de classificar os/as negros/negras, desempenha papéis de segregação, conflitos e dificuldade de identificação. Tudo isso internamente, o que é muito caro, na avaliação da autora.

Remontando aos longos 388 anos de escravização dos sujeitos negros no Brasil, a intelectual resgata como esta forma de classificação identitária a partir dos aspectos visuais foi a forma desempenhada pelos escravizadores como uma maneira de disciplinar e hierarquizar

tais. Dessa forma, a estratificação entre as pessoas racializadas nasceu a exclusão de africanidades e negritudes distintas, o que facilitou o processo de retirada de suas próprias identidades. Devulsky é firme em comprovar como o colorismo não foi uma criação dos/das sujeitos/sujeitas negros/negras, assim como também é firma na preocupação com a forma como esta prática é mobilizada hoje, desta vez por esses indivíduos.

Quando esta prática é, constantemente, interiorizada pelo movimento negro contemporâneo, cria formas de fissuras nas resistências populares. Ainda que a autora apresente as diferentes leituras sociais a partir do colorismo, também salienta a importância da inclusão, ao invés da exclusão, de indivíduos atravessados pela mesma questão: a raça. Ao longo do livro, vemos os de pele escura vivenciam o racismo de modos diversos, e esta é a perspectiva mais importante para ela: abarca estas diversidades. Em vista disso, considera que não é uma prática assertiva para uma luta política, histórica, social e cultural antirracista a emancipação e opressão de grupos, mas o fortalecimento dessa rede.

Com este objetivo, a autora arquitetou sua obra em quatro capítulos. No primeiro, *Clarear o Escuro e Escurecer o Claro não é um Jogo de Luz*, o intuito foi delinear uma conceituação para colorismo ao longo da história do processo de escravização dos/das sujeitos/sujeitas africanas. A partir de uma perspectiva decolonial, esta seção abarca as multiplicidades dos povos, com diferentes traços, que vieram para o Brasil na grande diáspora africana como uma maneira de observarmos como a população negra brasileira é tão plural.

Em *O Colorismo Interno: Aspectos da Introjção*, a autora desenvolve como a identidade negra é vivenciada pelos sujeitos de pele clara, como define. É interessante observarmos que Alessandra Devulsky parte de sua experiência enquanto uma mulher negra não escura, trazendo em seu texto, especialmente nesta parte, histórias que se mesclam entre ser ou não uma sujeita negra. E, para isso, também acrescentar as categorias de gênero e classe para dissertar sobre as camadas socioculturais.

Na parte seguinte, *Uma Perspectiva Estrutural do Colorismo*, a intersecção entre raça e classe é novamente inserida na discussão sobre o colorismo. Segundo a intelectual, foi através da desconstrução de laços familiares e culturais entre os/as negros/negras escravizados/escravizadas nas Américas que fortemente se deu o processo de desumanização dessas pessoas, de modo que fossem reduzidos a uma mercadoria. Nesse sentido, também perpassa pelas diferentes formas de escravização destes/destas sujeitos/sujeitas a partir de suas estratificações por cor, fenótipos e gênero.

No último capítulo, *As Ressignificações Possíveis do Colorismo*, a autora emprega o conceito de amefricano, cunhado por Lélia Gonzalez, para discutir sobre as diversidades entre

as populações negras que vieram para os territórios que a autora chama de amefricanos e nos formaram enquanto sociedades⁴. Reduzir esta grande população, seja em número ou em variações, em uma hierarquia é um projeto político de manutenção da estrutura colonialista de racismo que tem perpetuadas suas bases escravocratas. Por isso, esta parte final do livro desmantela o termo colorismo enquanto uma prática de diferenciação, hierarquização entre os/as negros/negras que pode ser usada a serviço da distinção e segregação das populações negras por seus alcoses, mas também pode ser ressignificada para ampliar a noção de negritude nas amefricas.

A experiência lendo este livro se mostra latente e capaz de fazer com que (re) pensemos histórias, conversas e opiniões, principalmente quando os leitores são atravessados pelo conceito em seu cotidiano. Ainda assim, independente de sua identificação racial, o trabalho de Alessandra Devulsky te marcará pela qualidade da pesquisa, pela escrita acessível e pela temática pertinente na contemporaneidade brasileira. Em um momento histórico de tantas divergências, disputas e segregação, falar sobre união entre os/as sujeitos/sujeitas negros/negras, assim como sobre suas forças e existências, é revolucionário.

A discussão potente da autora nos faz questionar sobre os processos históricos que vivenciamos e aprendemos ao longo da história do Brasil. Por isso, quando a autora afirma que “(...) se não há espaço político para pretos, esse espaço não pode ser digno de nenhum outro negro. Não é possível ser ou estar onde os outros de nós não podem estar e ser” (Devulsky, 2021, p. 182), ela sintetiza os nossos sentimentos a respeito do cenário social que almejamos construir, onde todos/as sejamos pertencentes socialmente a partir de nossas singularidades e formações, tanto como indivíduos quanto como coletivos negros.

Referências

DEVULSKY, Alessandra. *Colorismos*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: Hollanda, Heloisa Buarque (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2019. p. 341-357.

Submetido em 16/04/2024

Aceito em 18/04/2024

⁴ Gonzalez, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: Hollanda, Heloisa Buarque (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2019. p. 341-357.